



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda São Joaquim das Ipiabas

código
AII - FO8 - BP

localização
Rodovia RJ-137, Ipiabas

município
Barra do Pirai

época de construção
c.1820

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
em obras para atividades turísticas e criação de cavalos / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda São Joaquim das Ipiabas, fachada principal

coordenador / data **Annibal Affonso Magalhães da Silva - dez 2008**
equipe **Rita de Fátima Machado Vilela e José Ronaldo dos Reis Novaes**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

Chegando-se pela BR-393 ao Belvedere, em Barra do Piraí, segue-se pela rodovia RJ-137, até o distrito de Ipiabas. Pouco mais de 3 km à frente, próximo à uma ponte, avista-se a fazenda, à beira do asfalto.

A paisagem caracteriza-se pela presença de morros tipo meia laranja, cobertos por pastagens. Aos fundos da sede descortina-se uma mata, cortada pelo rio Ipiabas, no ponto onde este forma uma pequena queda d'água (f01). O rio contorna a casa até encontrar, já próximo à lateral direita, um pequeno córrego, seguindo, a partir daí, paralelo a rodovia até ser transpassado por uma ponte.

O conjunto da fazenda está implantado num pequeno vale circundado por morros. A casa-sede está assentada sobre um platô, delimitado por uma murada de pedra com cerca de 4 m de altura, e com acesso frontal por escadaria que se repete na lateral direita (f02 e f03). Há vestígios da existência de outro acesso na parte frontal da murada, de frente para a capela.



01



02



03

À esquerda, a casa fica próxima da encosta de um morro. Um muro de arrimo em pedra, com cerca de 3 m de altura, estende-se por este trecho da encosta, tendo servido originalmente como parede de um antigo engenho que ali existia (f04).

O antigo sistema de abastecimento de água da propriedade localiza-se logo acima, seguindo canalizado a partir de um represamento em cota mais elevada, situado no interior da mata. Apesar de abandonado, foi possível localizar a canaleta de distribuição, no ponto que esta desemboca num tanque (f05).

Na área de acesso à propriedade fica o trecho mais plano e amplo do terreno. Atualmente está recoberto por grama, com árvores esparsas, possuindo algumas construções em estado precário, sendo uma delas um antigo curral da época em que predominou a atividade pecuária (f06).

Observa-se no local alguns pisos e blocos de pedra remanescentes dos terreiros de café e das antigas construções (f07). Na lateral próxima ao rio, correndo paralelo a este, avistam-se as bases de uma ruína de dominância longitudinal, com quase 100 m de comprimento, que chega perto da murada da casa-sede. São vestígios das antigas senzalas, identificáveis, em boa parte, por estarem a uma altura média de 1m do chão. Próximo ao centro dessa ruína passa uma valeta que corta o terreno perpendicularmente, indo desembocar no rio Ipiabas.

Na parte esquerda do curral há indícios de mais um antigo terreiro de secagem de café e dos tanques de lavagem do café. Porém, em virtude da quantidade de mato e pelo terreno ser alagadiço, não foi possível uma prospecção mais apurada do local.

As informações observadas em campo puderam ser confrontadas com uma antiga planta com representações gráficas do sítio e das construções, encontrada abandonada na casa-sede pelo atual proprietário. A prancha tem suporte em pano e grandes dimensões (1,00m x 3,00m), com desenhos coloridos em escala diminuta. Por estar muito deteriorada, com trechos faltantes, quebradiços ou apagados, além de outros apresentando ataque de fungos, não foi possível uma leitura plena de suas informações. Não há data visível de sua confecção, porém, acredita-se que seja do início do século XX (f08). Nela estão indicados o estudo hidrológico, a implantação da casa principal (grifada como “casa de vivenda”), os terreiros de café e o bloco longitudinal, denominado “casas de moradia e depósito”. Destaca-se também o levantamento arquitetônico do antigo engenho, com a planta baixa do pavimento térreo e do porão, além do desenho das fachadas e cortes. O sistema hidráulico para abastecimento da fazenda está bem representado, mostrando que a água é captada acima do salto, numa pequena barragem feita no rio. Em seguida, desce por gravidade e vai atendendo aos pontos que a utilizavam como força motriz, passando paralelo ao antigo bloco de engenho e tulha, até decair e chegar nos tanques de café ao lado do curral, seguindo depois para o rio Ipiabas.



04



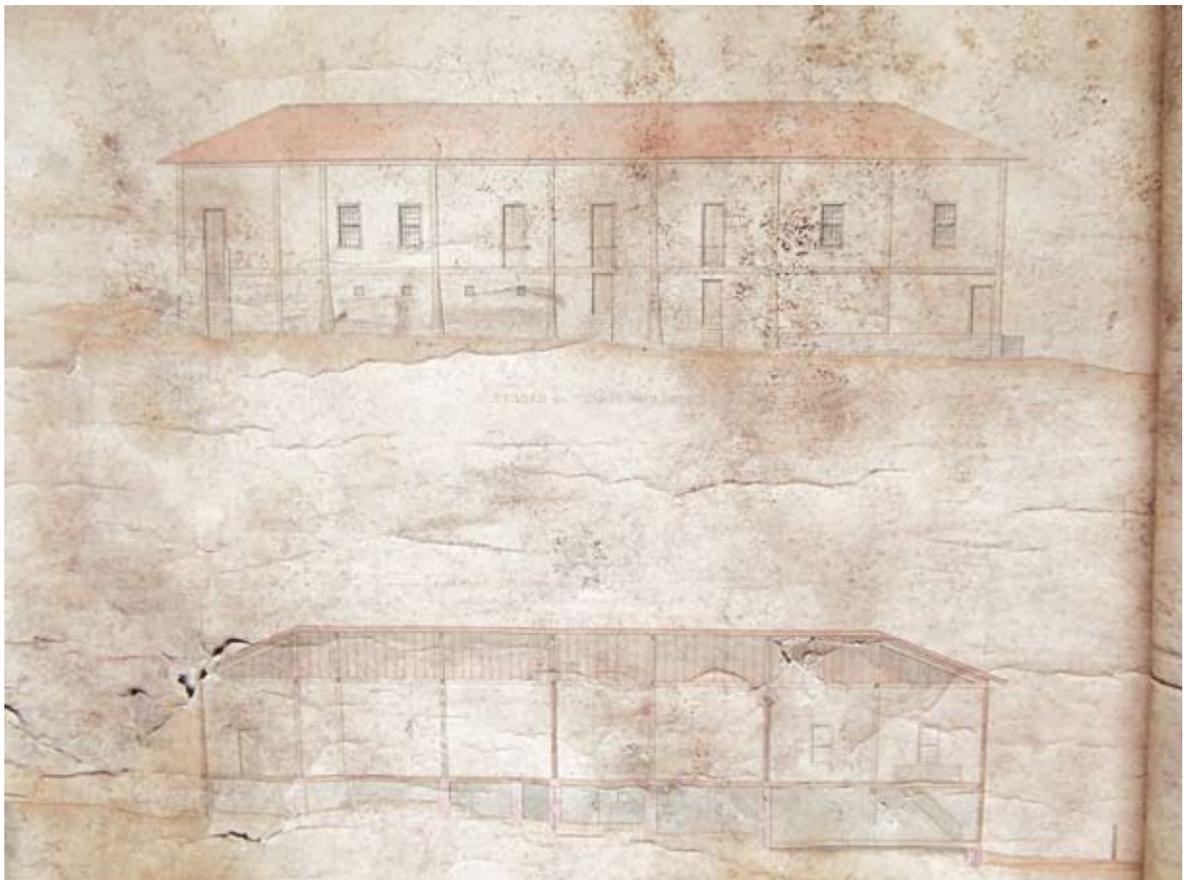
05



06



07



08

Trata-se de um prédio de arquitetura distinta, que, mesmo não tendo um porte avantajado e estando em obras, chama a atenção de quem o observa, mesmo que de relance, ao passar pela rodovia. A originalidade de certos elementos que o compõe torna-o um interessante exemplar de uma casa-sede de fazenda de café do Vale do Paraíba Fluminense (f09).

A construção está assentada em alvenaria de pedra, edificada sobre porão baixo e possui estrutura autônoma de madeira de seção quadrada (pilares, frechais, madres e barrotes) que formam uma gaiola estrutural.

A casa parece guardar semelhanças com as sedes do ciclo do açúcar do Nordeste do país e na região de Campos, no Norte do estado do Rio de Janeiro. Isso fica mais evidente na disposição da varanda de algumas daquelas casas, que possuíam um ponto alto de telhado e tinham, numa das extremidades, a capela (f10).



09



Casa Quissamã, em Quissamã - RJ
(fonte: *Antigos Engenhos de Açúcar no Brasil*)

10

A Fazenda São Joaquim das Ipiabas apresenta algumas dessas referências na ala dos quartos. A diferença está em que este espaço é todo fechado e, ao invés de localizar-se na fachada principal, ele ocupa a parte dos fundos da edificação. É importante destacar seu forro de gamela, um dos elementos ímpares desta edificação (f11), que é raro no Vale do Paraíba Fluminense, mas que está presente na varanda da casa grande do Ciclo do Açúcar¹. As janelas que compõem as fachadas preservadas são os elementos arquitetônicos que mais se destacam na casa-sede, tendo em vista a singeleza do desenho de suas esquadrias, que possuem uma tipologia incomum na região (f12).

As paredes de vedação apresentam uma solução peculiar, pois foram feitas em pau-a-pique, porém com varas em madeira de seção quadrada ou redonda, ou seja, aparelhadas, tanto na vertical quanto na horizontal, fugindo da técnica tradicional, que era o uso de varas de palmito brutas. Estão fixadas por cravos de seção quadrada (f13).

Tanto os pisos quanto os forros mantêm sistema de junta cega, muito bem executado.

O acesso ao nível do platô onde está locada a casa é feito por duas escadarias de pedra, uma na parte frontal e outra na lateral direita. Vencendo o desnível, chega-se a um gramado que conserva, sobre a murada no fim da lateral direita, um bicamente para drenagem. A murada não está protegida por nenhum tipo de guarda-corpo, como grades de ferro ou madeira.

A casa ocupa grande parte do platô e fica assentada sobre um porão baixo, com pequenos óculos quadrados para ventilação. As paredes desse embasamento apresentam uma espessura que confere solidez ao conjunto, que se configura como um bloco retilíneo, em forma de "L" invertido. O acesso ao interior do imóvel se faz por três escadas de pedra lavrada, sendo duas frontais e uma lateral à direita, guarnecidas por guarda-corpos de alvenaria cega, cujos lances, à medida que sobem, vão se estreitando suavemente (f14).



11



12



13



14

¹O proprietário atual acredita ser a fazenda um modelo de casa transplantado diretamente de Portugal, sem influência brasileira. Corroborando essa suspeita informou que o primeiro dono era português e que este chegou ao Brasil rico, fato que criou condições para o surgimento dessa obra em plena no início do século XIX, entretanto, seria importante fazer um paralelo com modelos de casas portuguesas, a fim de buscar sustentação para esta suposição.

Os planos das fachadas são marcados pelas linhas verticais dos pilares. Seu posicionamento, intercalado entre os planos de cheios e vazios, não obedece a um ritmo preciso. As esquadrias são em verga de arco abatido, as portas externas abrem-se em duas folhas cegas almofadadas e as internas em duas folhas cegas com canaleta central (f15 e f16). As janelas tem duas folhas cegas almofadadas, mantendo guilhotinas externas com caixilhos de vidro (f17 e f18). Estão pintadas em um tom de cinza, observando-se, porém, através de prospecção em uma das janelas, que as mesmas originalmente não apresentavam pintura alguma.

A cobertura possui uma trama com desenho similar ao da original (f19), mantendo cobrimento por telhas capa e canal, sistema tradicional das fazendas de café, apresentando um galbo na parede em que divide o corredor de distribuição para a linha dos quartos e da cozinha (f20).



15



16



17



18



19



20

O arremate superior é dado por um beiral forrado e encachorrado, atualmente na cor da madeira. A cobertura desenvolve-se em oito águas, porém, sua forma é singular, formatando uma linha em declive que determina um movimento diferenciado na parte que liga a capela à ala dos quartos (f21). As últimas fiadas de telha conferem um belo resultado plástico e dão um excelente acabamento à construção, principalmente na parte em que ficam num inusitado sentido transversal à água do telhado (f22).

A planta baixa tem a forma de um “L” invertido. A casa chegou a possuir outro prolongamento, conforme está registrado na planta existente (f12), tratando-se, provavelmente, da cozinha original. Neste ponto fica o único acesso aos fundos da casa. Além desta, percebe-se outra alteração, que foi a supressão de um lance de escada na fachada frontal, conforme denota o vão de porta ainda existente, atualmente semi-entaipado, servindo de janela (f23).

Registre-se que a entrada primitiva – segundo o proprietário – era feita pela fachada lateral direita (f24), o que mudaria completamente o entendimento do funcionamento da casa, confrontando o uso atual com o original.

As divisões internas são bem resolvidas. Salas, quartos, áreas de serviço e capela têm amplos ambientes que se comunicam através de portas de abrir em duas folhas, todas em arcos abatidos (f25). Os quartos possuem ligação entre si e, devido à disposição da cobertura, seu pé direito é inferior ao restante da casa.



21



22



23



24



25

No eixo longitudinal da construção, um corredor faz a distribuição entre os setores. Ao fundo, fica uma porta que dá acesso à parte mais nobre da residência, e esse espaço tem forro em abóbada de berço (f26). Nesta parte, estão portas mais trabalhadas, com bandeiras em caixilhos vidrados, servindo para acesso à capela e ao quarto do proprietário (f27).

A capela, apesar de seu altar perdido o forro (f28), é o espaço mais ornamentado da casa e destaca-se do conjunto pelo tratamento que é conferido a seu interior. Mantém nave e duas saletas laterais, à moda de tribunas, que se abrem para o presbitério e eram utilizadas de forma reservada. A da direita tinha acesso externo – que foi extinto para ser instalado o banheiro – e seria o local para as mucamas assistirem às celebrações religiosas. Esquadrias com folhas de abrir, de madeira e veneziana, reforçam esta hipótese (f29). Já a saleta da esquerda seria a sacristia, mantendo as mesmas dimensões e detalhes decorativos para garantir uniformidade compositiva ao conjunto (f30).



26



27



28



29



30



31

O forro, tanto no altar quanto na nave, é trabalhado em gamela com sistema mata-junta e roseta decorativa ao centro (f31 e f32), das quais provavelmente pendiam lustres. A capela possui três portas internas, com vergas retas e cercaduras em madeira na cor marrom, arrematadas por frontão triangular com decoração por motivos fitomórficos, vedadas por esquadrias de duas folhas de madeira de abrir, almofadadas. A porta central, que oculta o altar, apresenta maiores dimensões, sendo encimada por frontão trapezoidal, com decoração semelhante à das laterais, cujo tímpano ostenta inscrição em latim (f33 a f38).



32



33



34



35



36



37



38

A barra da parede, até a altura do peitoril da janela, apresenta pintura de fingimento, atualmente encoberta (f39). As obras atuais contemplam uma redivisão ou a destinação de um novo uso para alguns espaços. Por exemplo: a cozinha pode não ter existido dentro da casa originalmente, e as atuais copa e sala de estar aparentam serem divisões de um único cômodo que existia antes. Há um basculante de ferro no banheiro e na sala de estar (f40), possivelmente fruto da adaptação destes espaços no início da década de 80, quando foi instalada uma pousada no prédio. Recentemente, o proprietário demoliu os antigos banheiros construídos para tal fim, deixando apenas um em atividade (f41).



39



40



41

A casa encontra-se em obras desde maio de 2007 e, segundo o proprietário, estava em estado crítico, com a ocorrência maior de danos na cobertura, que estava com a trama e o entelhamento arruinados, o que ocasionou a degradação dos forros e pisos originais.

Com o avançar da obra, barrotes, madres, pilares e frechais foram quase todos recuperados e, atualmente, estão sendo terminados os pisos. Uma das linhas de barrotes sofreu recalque e seu renivelamento foi feito com o auxílio de macaco hidráulico. Os cupins haviam destruído boa parte dos barrotes – como demonstra a trave existente no pátio –, que foram substituídos por peças de madeira ou por estrutura de concreto.

Recebeu reforço de estrutura de concreto, tanto na fundação (barrotes e contra-barrotes) quanto em algumas cintas e pilares (f42 a f44).

Algumas paredes precisaram ser reaprumadas e outras refeitas. As novas utilizaram tijolo cerâmico furado em sua execução. Desta forma, o fechamento atual da alvenaria conjuga o pau-a-pique a intervenções em tijolo. Assim, quase toda extensão da fachada lateral esquerda (salas, copa e cozinha), da fachada de fundos (quartos) e da parede que divide a copa e a sala de estar, está sendo reerguida com tijolo furado (f45), e o fechamento sob algumas janelas que substituíram antigas portas foi feito em concreto e tijolo maciço (f46).



42



43



44



45



46

No momento, as instalações hidráulicas e elétricas atendem apenas aos atuais serviços da obra.

Boa parte das trincas foi extinta durante a reforma, com a substituição da alvenaria histórica pela de tijolo furado, que ainda não apresenta tempo suficiente para manifestar qualquer ocorrência de patologias. Quanto aos trechos remanescentes do modo construtivo tradicional, notam-se algumas trincas, que provavelmente serão corrigidas no decorrer da obra (f47). Entretanto, caso seja aplicado chapisco e argamassa de cimento sobre o pau-a-pique, como observado em certos pontos já refeitos (f48), certamente ocorrerão problemas advindos da incompatibilidade entre estas técnicas distintas.

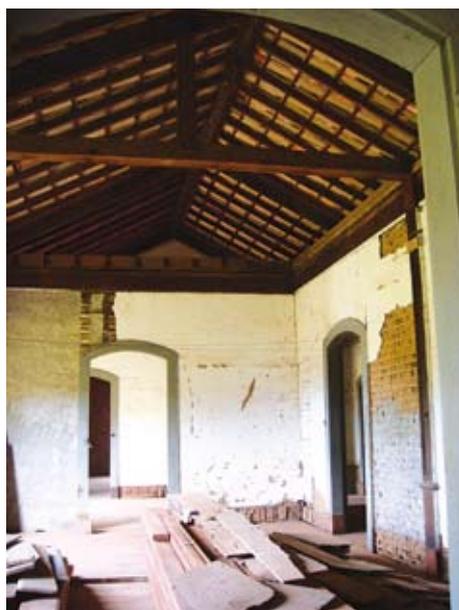
O assoalho em madeira apresenta junta cega. Na área da capela ainda subsiste o assoalho antigo, em bom estado de conservação, sendo esta a única parte que não precisou ser refeita. No restante da edificação, o piso foi recomposto por pranchas na largura original, boa parte com madeira nova, mantendo o sistema de junta cega. Está quase todo terminado (f49), faltando apenas um quarto e o *hall* de acesso para a capela, que ainda encontram-se em obras (f50).



47



48



49



50

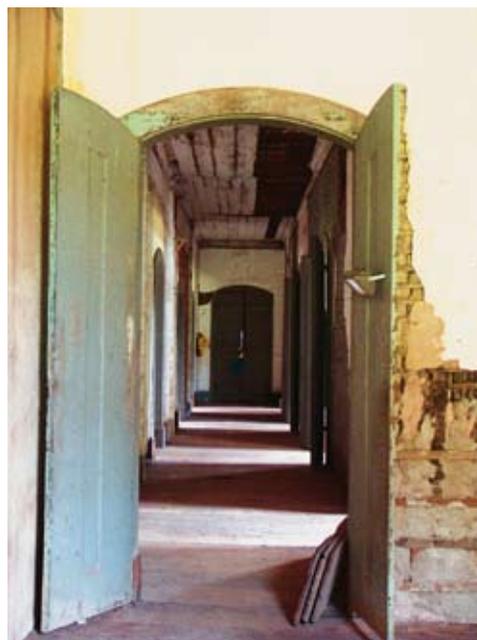
O forro, devido aos problemas na cobertura, se perdeu em grande parte da ala das salas e da circulação. O que restou encontra-se fragmentado e tomado por cupins (f51). Na ala dos quartos subsiste um forro em gamela, necessitando de reparos. Um dos quartos teve o forro trocado em determinada época, não seguindo o desenho nem o sistema de encaixe do antigo. O forro em abóbada de berço de parte da circulação aparenta condições medianas de conservação, sem apresentar nenhum problema grave. Na ala da capela, mantém-se as originais gamelas, em bom estado de conservação.

As esquadrias estão pintadas na cor cinza, externa e internamente (f52), exceto as do interior da capela, que apresentam cor marrom. Nas janelas, as guilhotinas são em caixilhos de vidro, obviamente mais recentes que as originais internas, com duas folhas enrelhadas de madeira (f53).

O beiral, encachorrado e forrado, foi recuperado durante as obras, estando atualmente sem pintura e em bom estado de conservação (f54).



51



52



53



54

A cobertura foi refeita, tendo sido possível examinar boa parte da trama, pois a casa ainda tem cômodos sem forro. O desenho da trama original foi mantido (f55), tendo sido feitos reforços nas tesouras (f56). A substituição dos caibros e ripas de coqueiro por peças de padrão comercial foi feita pelo atual proprietário. O entelhamento foi remanejado, mantendo capas originais complementadas por bicas novas (f57).



55



56

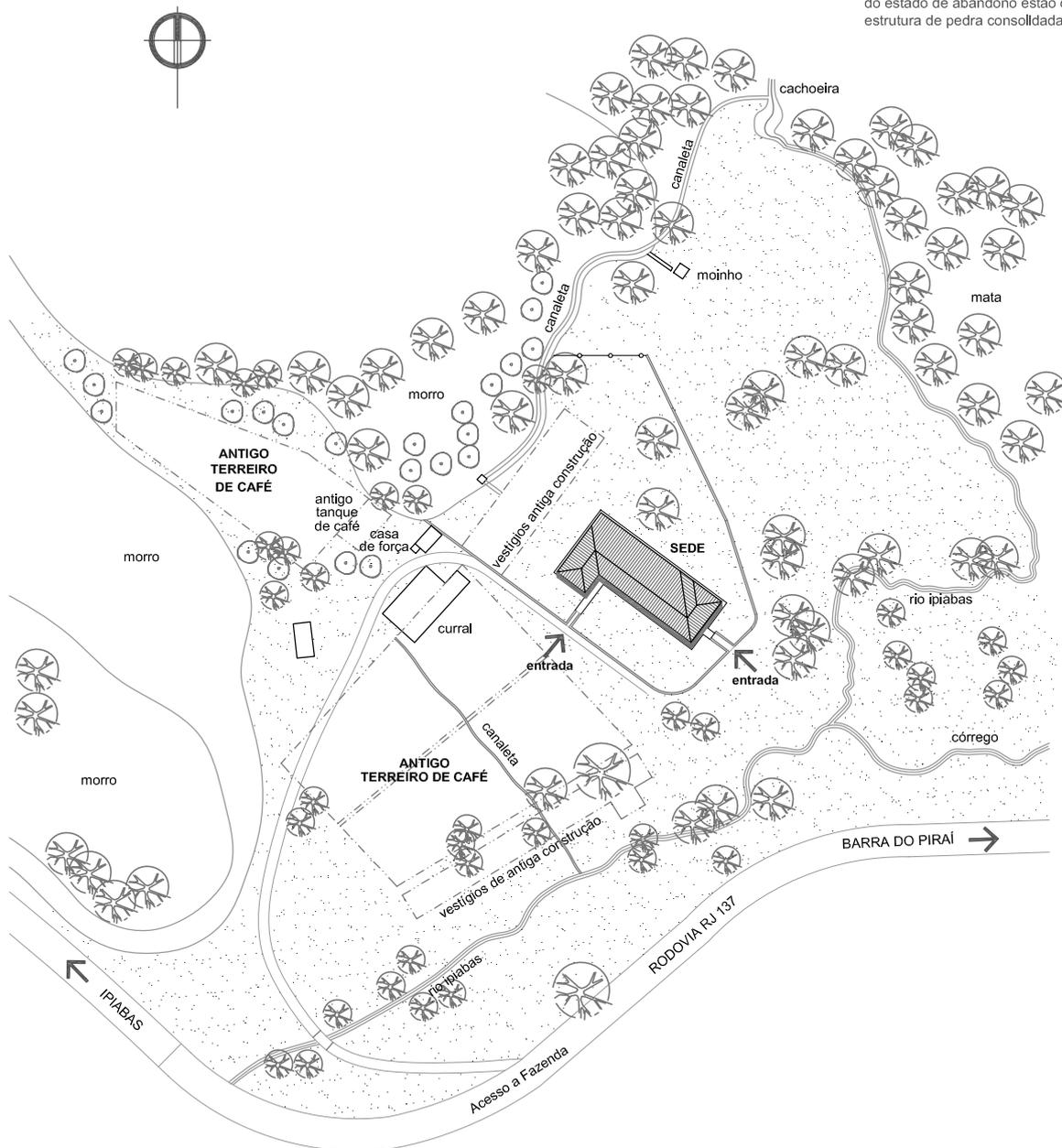


57

FAZENDA SÃO JOAQUIM DAS IPIABAS

Observações:

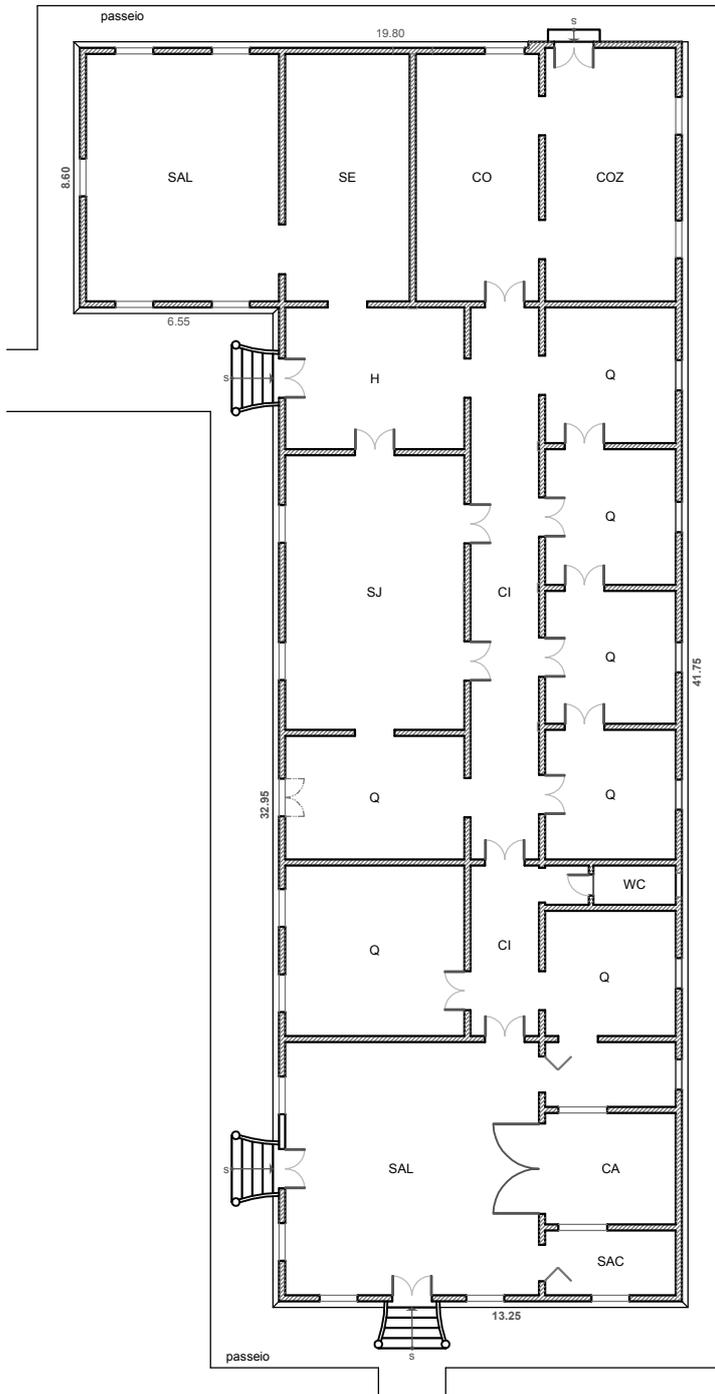
1. A demarcação dos terreiros de café foi feita através de uma planta da propriedade, provavelmente de fins século XIX e início século XX, onde eles aparecem representados. Ainda existem vestígios de pedra no local.
2. O perímetro do bloco das antigas senzalas, paralelo aos terreiros ainda estão visíveis, também pode ser confrontado com a representação no mapa acima citado.
3. Os antigos tanques de café, apesar do estado de abandono estão com a estrutura de pedra consolidada.



FAZENDA SÃO JOAQUIM DAS IPIABAS

Observações:

1. O espaços principais da Capela são denominados de Sala e Altar. O cômodo de maior dimensão era o principal acesso ao interior da casa e utilizado como nave em celebrações.
2. O compartimento lateral à Capela era destinado às mucamas, de onde as mesmas assistiam às missas e celebrações. O acesso delas a esse recinto ocorria através de corredor onde hoje localiza-se o banheiro.
3. A casa apresentava um terceiro acesso, posicionado em um dos quartos atuais, mais especificamente entre a sala de jantar e o quarto principal (próximo à Capela). As folhas da antiga porta ainda estão lá, porém foi levantada uma alvenaria até altura do peitoril, convertendo o vão em janela.



1 Planta Baixa da Sede
escala: 1/250



CA - capela	CO - copa	Q - quarto	SAL - salão	SJ - sala de jantar	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	SAC - sacristia	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria demolida

Uma das fazendas pioneiras da margem esquerda do rio Paraíba do Sul, São Joaquim das Ipiabas, foi fundada por volta de 1820, pelo capitão Joaquim José Pereira de Faro, mais tarde, primeiro barão do Rio Bonito.

As terras da fazenda São Joaquim das Ipiabas, que constituíam uma sesmária de meia légua em quadra, ou seja, 225 alqueires geométricos, compunham um império rural de aproximadamente 1.288 alqueires de terras contíguas, de propriedade da família Faro. Esse número se elevaria, somando-se a mais duas sesmarias situadas na margem direita do rio Paraíba do Sul, entre os municípios de Vassouras e Piraí, denominadas Ypiranga e Pocinho.

Originalmente, estas terras faziam parte da grandiosa Fazenda de Santa Cruz, dos padres jesuítas, confiscada pela Coroa Portuguesa após a expulsão desta congregação do Brasil, pelo Marquês de Pombal.

Joaquim José Pereira de Faro, natural de Braga, Portugal, veio para o Brasil no ano de 1793. No Rio de Janeiro, dedicou-se ao comércio e ao tráfico transatlântico de africanos escravizados. Galgou projeção social alcançando o posto de professor na Ordem de Cristo em 1808 e, novamente, com o mesmo hábito efetivo em 1819. Tornou-se Cavaleiro Imperial da Ordem do Cruzeiro em 1828, fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, coronel de infantaria reformado e membro da junta administrativa da Caixa de Amortização. Fez parte da Corte de D. João VI e D. Pedro I. Fundador e conselheiro do Montepio Geral, em 1841. Foi agraciado com o título de barão do Rio Bonito em 1841. Casou-se em 1793 no Rio de Janeiro, com Anna Rita Darrigue Faro, com quem teve nove filhos. Desses, quatro estabeleceram-se com fazendas na região (IÓRIO, 2007).

O barão do Rio Bonito fundou, também, a importante Fazenda Sant'Anna do Parahyba, situada às margens do rio Paraíba do Sul, ainda existente, porém, com a denominação atual de Fazenda Santana.

Após a morte do barão do Rio Bonito, ocorrida em 10/02/1843, a Fazenda São Joaquim das Ipiabas ficou em poder de sua viúva meeira.

Em 18/10/1854, a baronesa do Rio Bonito faleceu no Rio de Janeiro, onde possuía uma elegante residência, localizada na rua São Clemente, no bairro do Botafogo. Conforme o inventário *post-mortem* da baronesa, existente no Arquivo Nacional, a Fazenda São Joaquim das Ipiabas coube por herança ao filho, Dr. Luís Pereira Ferreira de Faro.

O médico Dr. Luiz Pereira Ferreira de Faro foi casado com sua sobrinha Maria Magdalena de Matos, com quem teve quatro filhos. Era senhor também de parte da fazenda Boa Esperança – que mais tarde teve seu nome mudado para Aliança – provavelmente recebida de herança do pai.

Conforme o referido documento do inventário, iniciado em 1854, a Fazenda São Joaquim das Ipiabas constava com as seguintes características: casa de vivenda com oratório para missas, botica e enfermaria, engenhos de serrar, secar e despolpar café movidos por água, moinho de fubá de milho, atafona para secar mamona, prensa para farinha de mandioca, terreiro de pedra, casa com tabuleiros para secar café despolpado, 249.000 pés de cafés e outras mais benfeitorias. Havia também tropas para transporte de cargas, gado e aproximadamente 240 escravos de ambos os sexos e variadas idades.

Tudo indica que a Dr. Luís Pereira Ferreira de Faro vendeu São Joaquim das Ipiabas no início da década de 1860 ao comendador João Pereira da Silva, homem de confiança da família Faro.

Segundo informações de tradição oral, passada por seus descendentes de Silva, o comendador João Pereira da Silva teria vindo para o Brasil em companhia do barão do Rio Bonito, e se estabelecido em terras entre as fazendas Sant'Anna do Parahyba e São Joaquim das Ipiabas, onde fundou a Fazenda Nova Prosperidade, apelidada pelos escravos de “Fazenda da Taquara”.

Com a morte do comendador Pereira da Silva, já viúvo, ocorrida em 30 / 03 / 1865, foi constituída uma sociedade entre seus herdeiros (filhas e genros), que recebeu o nome de “Sociedade Herdeiros de João Pereira da Silva”. Além da Fazenda São Joaquim das Ipiabas, a sociedade compreendia também as fazendas da Taquara e Campo Bom, esta última provavelmente fundada pelo Comendador.

No início da década de 1880, os sócios Pereira da Silva resolveram vender a Fazenda São Joaquim das Ipiabas.

Em 1883 consta como propriedade de Manuel Gonçalves Brazuna, natural de Campo Grande, freguesia do conselho de Lisboa, Portugal.

Conforme o relato no livro “América Austral”, que traz uma coletânea de cartas de um viajante português, de nome Antônio Lopes Mendes, que visitou a fazenda em 1883, São Joaquim das Ipiabas possuía, nessa época, cerca de 500.000 pés de café, plantações de milho, feijão, arroz, tabaco, de mandioca, cará, araruta e criação de porcos. Além de muitas árvores frutíferas, tais como laranjeiras, cajueiros, mangueiras, jaqueiras, pessegueiros e bananeiras (BAUGRATZ, 1991).

Em 1º de abril de 1920, o coronel Carlos Gonçalves de Araújo, então proprietário, vendeu a fazenda para Lindolpho Ribeiro de Assis Paiva. Em 1945, é passada, por herança, para seu filho, Lindolpho Ribeiro de Assis Filho, que, em maio de 2007, transferiu a propriedade para sua sobrinha, Anália Fortes da Silva e seu marido, Paulo Tadeu Fortes da Silva (f58).



58

Detalhe do mapa da Fazenda Real de Santa Cruz, tirado da "Planta corographica de huma parte da provincia do Rio de Janeiro na qual se include a Imperial Fazenda de Santa Cruz/ C.C.J. de Niemeyer (sic) de; Tem. Gama Lobo dez.; Cel. Belengarde e seus discipulos fez." Escala 1:200.000 [w440 ...], [Rio de Janeiro]; Litografia de Heaton r Rensburg, 1848. Fonte: Arquivo Nacional.

¹ Inventário da baronesa do Rio Bonito/Juízo de Órfãos Ano: 1854. Notação 107. Caixa 2641. Seção de Guarda: CODES/SDJ. Arquivo Nacional. Gentilmente cedido pela historiadora Leila Vilela Alegrio.

² De acordo com documento original, a capela da fazenda, dedicada a São Joaquim, assim como a de Sant'Anna, recebeu autorização eclesiástica para a realização de sacramentos, em 26 / 08 / 1823. Carlos Rheingantz, autor do livro "A Família Faro", diz que, nesse oratório, foi batizado, em 12 de dezembro de 1833, o filho homônimo do segundo barão do Rio Bonito, João Pereira Darrigue de Faro. Em dois outros documentos, datados de 20 / 09 / 1878, consta a permissão do bispo Dom Pedro Maria de Lacerda, da Comarca do Rio de Janeiro, aos herdeiros de João Pereira da Silva, de realizarem, pelo prazo de dez anos, sacramentos, incluindo o de batismo e crisma de pessoas nascida nas fazenda.